

O papel das narrativas na aquisição da língua: deslocamentos enunciativos da criança que narra

Marlete Sandra Diedrich¹

Gabriela Golembieski²

Ana Carolina Boldori³

Resumo

Este artigo tem como tema as narrativas de eventos reais ou imaginários produzidas por uma criança de três anos de idade. Objetiva-se refletir sobre os deslocamentos enunciativos da criança nas narrativas produzidas e sobre o papel desses deslocamentos na trajetória de aquisição de língua. O tema é abordado à luz da perspectiva aquisicional enunciativa, com enfoque em três operações enunciativas: operação de preenchimento de lugar enunciativo, operação de referência, operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso. Analisa-se um dado ilustrativo dos deslocamentos enunciativos da criança, o qual faz parte de um projeto de pesquisa de natureza aplicada; descritivo em seus objetivos; qualitativo na metodologia e análise dos dados. Neste artigo, os resultados apontam para deslocamentos enunciativos que dão origem a construções que permitem a imaginação criadora, as quais revelam um modo particular de a criança estar na língua-discurso via narrativas que recriam mundos no poder fundante da linguagem.

Palavras-chave: Aquisição da língua; Enunciação; Narrativa

Data de submissão: Maio. 2023 – Data de aceite: Julho. 2023

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v19i2.15175>

¹ Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. <http://orcid.org/0000-0002-9177-089X> E-mail: marlete@upf.br

² Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Educação Básica, graduada em Letras e mestrandna do Programa de Pós-Graduação em Letras, com bolsa Capes Modalidade I. <https://orcid.org/0000-0001-6809-059X> E-mail: 174294@upf.br

³ Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica, Mestre em Letras - UPF e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - UPF. <https://orcid.org/0000-0003-3280-4241> E-mail: 190493@upf.br

Introdução

Este artigo é derivado do projeto de pesquisa *A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem*, o qual recebeu apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - Fapergs. Apresentamos, neste artigo, parte dos resultados obtidos com o trabalho de investigação realizado durante o desenvolvimento do referido projeto. Nesta reflexão, o tema se volta para as narrativas de eventos, reais ou imaginários, produzidas por uma criança na faixa etária de três anos de idade. O objetivo é refletir sobre os deslocamentos enunciativos da criança nas narrativas produzidas e sobre o papel desses deslocamentos em sua trajetória de aquisição de língua materna.

Com esse intuito, abordamos o tema à luz da perspectiva aquisicional enunciativa (Cf. SILVA, 2009). Segundo esta perspectiva, a instauração da criança em sua língua materna se dá a partir do seguinte dispositivo: *(eu-tu/ele)-ELE*, o qual envolve a criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua atualizada no discurso (*ele*) e a cultura (*ELE*). É a partir desse dispositivo que vemos a criança se deslocar entre o geral da língua enquanto sistema e a particularidade do discursoⁱ, vivência que lhe garante ocupar o lugar de falante de sua língua materna via atualização de formas e sentidos.

Organizamos nossa reflexão da seguinte forma: inicialmente, apresentamos a perspectiva aquisicional enunciativa e as relações enunciativas que marcam a trajetória de aquisição da língua pela criança. Em seguida, apresentamos a concepção de narrativa com a qual estamos trabalhando. Na sequência, dedicamo-nos a esclarecer a metodologia de pesquisa a partir da qual situamos o dado ilustrativo analisado. O artigo tem continuidade com a análise ilustrativa de um recorte enunciativo. Por fim, apresentamos as conclusões a que chegamos em nossa incursão investigativa.

A perspectiva aquisicional enunciativa

Muitas são as teorias e perspectivas que, ao longo dos anos, buscam explicar o fenômeno de aquisição da linguagem na trajetória da criança que se torna falante, conforme panorama traçado por Scarpa (2001). No Brasil, em 2007, Carmem Luci da Costa Silva defende, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação de Valdir Flores, sua tese de doutoramento com a proposta de apresentar princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. Esses princípios dão origem à perspectiva que chamamos aquisicional enunciativa, conforme obra publicada em 2009, e representam um deslocamento dos estudos enunciativos de Émile Benveniste (1989, 2005) para se pensar a aquisição da língua pela criança.

A partir do dispositivo *(eu-tu/ele)-ELE*, a criança vivencia três grandes operações em sua trajetória de aquisição: a) a operação de preenchimento de lugar enunciativo, operação

de caráter geral e necessária para o ato de aquisição, a qual envolve a mudança de posição da criança de convocada pelo outro (conjunção eu-tu) a convocar o outro (disjunção eu/tu); b) a operação de referência, entendida como aquela decorrente do exercício do discurso, quando os signos, enquanto entidades conceptuais e genéricas, são utilizados como palavras para noções sempre particulares; esta operação envolve, na relação da língua com o mundo, a passagem de uma referência mostrada (ancorada na situação de enunciação) para uma referência constituída no discurso (ancorada no próprio discurso); e c) a operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso (inter-relação da língua como sistema e da língua como discurso)ⁱⁱ, em cuja realização se presentificam as formas de pessoa, espaço e tempo, por meio das quais a criança estabelece relações enunciativas mais complexas com os acontecimentos, como a retomada de eventos passados, a projeção de acontecimentos futuros ou mesmo a simulação de acontecimentos apenas imaginados.

Segundo essa perspectiva, o sistema de valores culturais é constitutivo do sujeito em seu exercício de linguagem. A cultura, portanto, está sempre presente, uma vez que a língua é concebida como instância simbólica constituída por valores culturais, na mediação entre os falantes. No centro da experiência de significação, encontra-se a propriedade simbólica da linguagem. Como afirma Benveniste (1995, p. 29), é essa propriedade o fundamento da abstração e da capacidade conceitual do homem, é ela “fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade”. Além disso, a concepção de língua que move nosso trabalho investigativo envolve o que afirmam Silva, Oliveira e Diedrich (2020, p. 274):

Como heranças humanas, língua e sociedade são instituições dadas e, no exercício do discurso, chegam para a criança. É por manejá-la com o outro que a criança, imersa em formas e valores sociais, tem tais formas e valores “inculcados” ao mesmo tempo em que ela própria abstrai/reconhece formas com sentidos discursivos e sistêmicos.

Os autores entendem que, na aquisição da língua, ao experienciar relações com o outro e com o mundo, a criança vivencia o simbólico da linguagem. É essa vivência que lhe permite fazer abstrações, via arranjos das formas da língua no discurso, acerca da configuração do sistema linguístico. Essa é uma das grandes questões postas pela perspectiva aquisicional enunciativa.

Com essa breve incursão pelos principais princípios e conceitos da referida perspectiva, situamos a concepção de aquisição que nos guia. Destacamos que, segundo essa concepção, as formas e sentidos da língua sistema se atualizam na particularidade do discurso. Sendo assim, na próxima seção, voltamo-nos para a particularidade do discurso marcada por narrativas e para as relações da criança no ato de narrar.

Acriança e a narrativa

Em trabalho anterior (DIEDRICH, 2022a), já afirmamos que as narrativas permitem ao homem a experiência subjetiva por meio da qual ele se situa na língua-discurso para se situar em relação aos elementos sociais e culturais que marcam sua existência. Assim, o homem falante se constitui indivíduo numa sociedade que constrói suas próprias narrativas, na relação indissociável entre indivíduo e sociedade. Ele faz isso à sua maneira, constituindo-se indivíduo — realidade particular — no geral da sociedade. Assim, indivíduo e sociedade se definem mutuamente. Entendemos que essa vivência da narrativa como elemento constitutivo da vida em sociedade ocorre desde cedo. Encontramos em Silva (2020, p. 170) a ideia de que “a instauração da criança em uma língua se atrela a sua entrada na sociedade humana”. Essas constatações nos permitem pensar que a criança, portanto, ao experienciar o ato enunciativo de narrar, experiencia um modo de a sociedade significar, pela prática humana da linguagem, os fatos que marcam sua existência. A narrativa, assim, assume importância na trajetória de aquisição da língua vivenciada pela criança.

Nos seus estudos, Boldori (2023, p.33, grifo da autora), ao analisar a narrativa, afirma que

A narrativa é um modo enunciativo, o qual permite ao falante assumir seu lugar enunciativo no quadro figurativo da enunciação, via relações espaço-temporais e procedimentos acessórios; e, por assumir este lugar enunciativo, o falante, na prática humana da língua, assume seu lugar de dizer na sociedade.

Com isso, a autora entende que, na e pela narrativa, o falante constitui-se enquanto sujeito da sua enunciação e ocupa seu lugar de dizer na sociedade, relacionando-se com a língua e com a sociedade, na mobilização da língua em discurso a partir da *reatualização* dos acontecimentos vividos ou imaginados.

Essas concepções nos permitiram definir narrativa como “uma forma complexa do discurso resultante do ato enunciativo de narrar, por meio do qual o acontecimento, real ou imaginário, é reproduzido, e para o qual concorre a atualização de formas e sentidos” (DIEDRICH, 2022a, p. 134). Nossa definição se baseia, em parte, na ideia de complexidade proposta por Flores e Teixeira (2013). Segundo os autores, ao referir que “Ampas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 90), Benveniste convoca ao escopo de estudos linguísticos as chamadas “formas complexas do discurso”, embora não expolite quais seriam essas formas. Flores e Teixeira (2013) acreditam que elas podem ser entendidas como fenômenos limite cuja repercussão social é inegável e que exigem da linguística um alargamento do seu olhar analítico, dada a complexidade do fato a ser analisado. Associamo-nos ao ponto de vista

dos autores na medida em que vemos a narrativa como forma complexa do discurso e também acreditamos ser necessário um alargamento do olhar analítico na busca da descrição e compreensão desse fenômeno, o que implica olharmos para a criança em sua relação com a narrativa e buscarmos respostas para a aquisição da língua. No entanto, nossa compreensão da ideia de *complexidade* diz respeito também à característica das unidades formadas por outros elementos, a elas internos e cujo funcionamento é interdependente. Assim, a narrativa é entendida por nós como *forma complexa do discurso*, porque mobiliza, na sua constituição, outros elementos enunciativos, dos quais se destacam aqueles implicados nas relações de tempo e de espaço, as quais têm seu funcionamento atrelado à unidade narrativa.

Ao vivenciar o ato de narrar experiências vividas ou imaginadas, a criança se apropria das formas da língua para simbolizar, por meio da linguagem, os mundos por ela evocados, instanciando-os no aqui-agora da enunciação. Frisamos que o conceito de enunciação assumido em nossos trabalhos é apresentado por Benveniste (1989, p. 82) em *O aparelho formal da enunciação*: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”.

Ao narrar, a criança coloca a língua em funcionamento, e o faz por meio de um ato individual, no aqui-agora de cada enunciação. Associamos esta vivência narrativa da criança ao que diz Benveniste (1989, p. 83) acerca da “experiência repetida em detalhe”, constituída na dupla natureza da língua, a qual é social, porque, como sistema, é comum aos falantes; e individual, porque suas formas e sentidos se particularizam a cada dizer, na instância do discurso.

É com base nessa concepção enunciativa que, em nossos estudos, a narrativa, justamente por ser uma forma do discurso, é considerada uma *reinvenção* a cada vez que é produzida. Acerca da ideia de *reinvenção*, bastante discutida no universo dos estudos enunciativos benvenistianos, lembramos Dessons (2006), segundo o qual, a linguagem envolve uma permanente renovação do dito, jamais uma mera repetiçãoⁱⁱⁱ. Sendo assim, a cada narrativa produzida, a criança *reinventa* formas e sentidos da língua atualizados no discurso para *reinventar* mundos. Nessa dupla *reinvenção*, a criança estabelece relações de referência que marcam o seu dizer em relação ao outro, na intersubjetividade de toda enunciação. Ao narrar, a criança mobiliza formas e sentidos da língua para estabelecer relação com os elementos do mundo, ou, como preferimos afirmar, dos mundos por ela evocados em seu dizer, sejam eles reais ou imaginários, ou, como temos percebido em nossas investigações, mundos que mesclam realidade e fantasia. Já a intersubjetividade diz respeito à relação da criança (*eu*) com o outro da alocução (*tu*), uma vez que a criança narra com ou para outro, o parceiro do ato discursivo. Logo, enunciar implica coenunciar, e referir implica correferir.

O ato de narrar permite à criança não somente o preenchimento do lugar enunciativo, mas, principalmente, o reconhecimento do efeito que esse lugar preenchido

exerce na relação com o outro. Além disso, na e pela narrativa, estabelecem-se novas referências constituídas na integração de unidades no discurso, o que leva à representação de eventos imaginários, nos quais acontecimentos inusitados encontram expressão e podem ser partilhados com o outro. Essas relações implicam a mobilização de formas e sentidos da língua para a simulação de acontecimentos apenas imaginados, os quais, em sua relação de oposição com o mundo físico à volta, exigem investimentos mais complexos nos modos de inscrição enunciativa na língua-discurso.

Para melhor compreendermos a trajetória da criança na língua via narrativas, apresentamos, na próxima seção, os elementos de cunho metodológico que possibilitaram à nossa investigação conhecer mais sobre essa importante experiência na constituição do sujeito falante e chegarmos aos resultados que apresentamos neste artigo.

Metodologia

Ao discutirmos os aspectos metodológicos de nossa investigação, situamos a pesquisa realizada no projeto *A narrativa da criança no contexto da pandemia Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem*^{iv}, da qual esta reflexão deriva. A referida pesquisa envolveu a investigação de narrativas de seis crianças, de três a seis anos de idade, produzidas durante seis meses do período de pandemia de Covid-19, o qual marcou a história da humanidade durante os anos de 2020 e 2021. Em função da necessidade de distanciamento social para evitar a propagação do Coronavírus, vírus da Covid-19, os dados foram produzidos e registrados pelos pais e ou familiares das crianças participantes da pesquisa. Para tanto, os pesquisadores organizaram um conjunto de orientações aos pais e familiares, orientando acerca da melhor maneira de se garantir a espontaneidade das crianças nas interações produzidas, de forma que a pesquisa contasse com dados naturalísticos em situações de interação doméstica. Assim, os dados foram registrados em arquivos audiovisuais digitais e enviados a nós também por meios digitais, para que fizéssemos a transcrição dos dados, conforme normas específicas do projeto. Mais à frente, na sequência deste artigo, reproduzimos parte dessas normas, consideradas necessárias para que se acompanhe o recorte trabalhado neste artigo. A pesquisa é de natureza aplicada, com análise descritiva dos dados.

Neste artigo, em especial, apresentamos apenas um dado ilustrativo da investigação, da criança Elena, com três anos, dez meses e dezenove dias. ^vDerivamos do dado escolhido para análise um formato de apresentação que, nas pesquisas aquisicionais enunciativas, conforme Silva (2009, p. 219), chamamos de *recorte enunciativo*, concebido como o "espaço de discurso em que determinado tema é referido e co-referido na alocução".

A seguir, apresentamos as normas de transcrição que conduzem a transcrição do dado e sua organização no recorte enunciativo.

Quadro 1 - Normas de transcrição

FENÔMENO	CONVENÇÃO
Pausas indicativas de fechamento de período e pausas em geral	Reticências
Alongamentos vocálicos	Repetição da letra indicativa do fonema alongado
Exclamações e interrogações	Uso dos pontos característicos

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Seguindo essas normas, o recorte enunciativo encontra-se organizado nas seguintes partes: **Situação**, trilha na qual se descreve a cena vivenciada pela criança e pelos participantes; **Elena**, trilha na qual se apresenta a fala da criança; **Mãe**, trilha na qual se mostra a fala da mãe.

Antes de olharmos para o recorte selecionado para este artigo, esclarecemos ainda que, em nossa análise, voltamo-nos para as relações enunciativas vivenciadas pela criança na produção de narrativas, a partir do dispositivo enunciativo de Silva (2009): *(eu-tu/ele)-ELE*. Nosso olhar investigativo, neste artigo, como já afirmado, é guiado pelas três operações enunciativas que marcam a trajetória da criança na linguagem: a **operação de preenchimento de lugar enunciativo; a operação de referência; a operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso**.

A partir disso, convocamos o recorte enunciativo analisado. Nele, Elena narra uma situação cotidiana que marca sua vida doméstica: o vômito do gato Sebastian.

Quadro 2 - Recorte Enunciativo

Situação	Elena, com 3 anos, 10 meses e 19 dias, relata à mãe o que aconteceu com Sebastian, o gato doméstico da família.
Elena	a gente vê a vomiteza dele
Mãe	de quem meu amor?
Elena	do Sebastian
Mãe	o que que ele tem? fala pra mãe
Elena	uma... uma energia de vomiteza
Mãe	uma energia de vomiteza? e o que que a mãe tem que fazer pra ele?
Elena	você tem que ligar pra doutora
Mãe	uum... e como é que essa energia de vomiteza deu nele?
Elena	é porque ele come muita ração e depois ele vai no mato

Mãe	vai no mato fazer o que amor?
Elena	comer coisa ruim e depois vai vomitar
Mãe	aaa daí dá uma energia de vomiteza nele
Elena	Sim
Mãe	oora... tadinho do Sebastian
Elena	é mesmo

Fonte: elaborado pelas autoras (2023)

No recorte enunciativo apresentado, encontramos Elena em interação com a mãe, com foco no fato de o gato Sebastian vomitar. Elena vivencia a operação de preenchimento de lugar enunciativo. Logo no início do recorte, vemos a criança narrando o episódio por meio da forma “vomiteza”, o que atesta sua autonomia narrativa. É facilmente perceptível que a sequência narrativa produzida no diálogo se pauta, em certa medida, nas perguntas da mãe, as quais desempenham a função de convocar a criança para o jogo narrativo: “de quem, meu amor?”, “o que que ele tem?”, “e o que que a mãe tem que fazer pra ele?”, e como é que essa energia de vomiteza deu nele?”. É nas respostas que Elena enuncia para a mãe que ela vivencia a operação de preenchimento de lugar enunciativo e experiencia a passagem para o reconhecimento do efeito que esse lugar preenchido provoca no outro, uma vez que suas respostas ao questionamento da mãe introduzem novas referências no fio do discurso.

Acerca da operação de referência, destacamos uma ocorrência em especial. Trata-se do efeito decorrente do uso da forma nominal “energia de vomiteza”. Vemos no uso dessa forma importante deslocamento enunciativo da criança na narrativa. Afirmamos isso porque entendemos que o substantivo “energia” é evocado de outras experiências da criança na linguagem, de outras narrativas, marcadas pelo fantástico. Ao colocar em relação as palavras “energia” e “vômito”, a criança gera, na sintagmatização do discurso narrado, a forma “vomiteza”, constituindo, via atualização de formas e sentidos, uma nova expressão, muito significativa para a composição de um mundo fantástico. Nesse jogo de formas e sentidos, comparece o sufixo “eza”, peça-chave para o sentido atualizado na narrativa pela criança. Assumindo seu lugar neste jogo, Elena abre as portas, via ato enunciativo de narrar, para um mundo à parte, no qual as personagens são acometidas por determinadas energias, às vezes de caráter positivo, tais como “esperteza”, “firmeza”, em outras, de caráter negativo, como “lerdeza”, “fraqueza”. Acerca dessa relação da criança com as formas da língua, lembramos Benveniste (2005, p. 140), ao afirmar que, para o locutor, inclusive na aprendizagem que ele faz do discurso quando aprende a falar, “O que se torna mais ou menos sensível para ele é a diversidade infinita dos conteúdos transmitidos em contraste com o pequeno número de elementos empregados”, o que se dá

no exercício do discurso. Logo, é no exercício do discurso que Elena estabelece novos conteúdos na mediação com o outro e faz isso a partir de elementos já dados e conhecidos da língua, renovados na complexidade da narrativa produzida.

É nessa capacidade simbólica de se deslocar entre formas e sentidos que a criança se inscreve enunciativamente na língua-discurso. Essa inscrição se dá, conforme explicita Silva (2009), na estrutura relacional da língua, na vinculação de palavras e conceitos que concorrem para a representação dos referentes materiais, como vimos ocorrer com o uso da expressão “energia de vomiteza”. Esse uso ilustra bem o que entendemos por relação referencial constituída no discurso, no ajuste de formas e sentidos com o outro. Elena produz, como afirma Silva (2009, p. 247), “estruturas no uso”, as quais instanciam novos mundos por meio de operações complexas que se aproximam do que a autora (2009, p. 265) chama de “criar e recriar discursos”. O uso da expressão “energia de vomiteza”, portanto, atesta a inscrição enunciativa da criança na língua-discurso, no tempo e no espaço da enunciação, e permite a ela “produzir discurso com outro discurso” (SILVA, 2009, p. 265), advindo de narrativas anteriores vivenciadas ao longo de sua trajetória na linguagem.

Em todas as operações enunciativas vivenciadas pela criança, percebemos a função mediadora da linguagem em sua dimensão cultural, dando mostras dos valores culturais de uma sociedade que se constitui nas diversas narrativas que caracterizam seu viver.

Considerações finais

Com base nos fundamentos teórico-metodológicos discutidos e na análise do dado ilustrativo de nossa investigação, apresentamos nossas considerações finais. Lembramos que nosso objetivo, neste artigo, é refletir sobre os deslocamentos enunciativos da criança nas narrativas produzidas e sobre o papel desses deslocamentos em sua trajetória de aquisição de língua materna. Sendo assim, organizamos nossas considerações com o propósito de dar conta do que foi duplamente proposto no objetivo:

- a) Em relação aos deslocamentos enunciativos da criança nas narrativas: o trabalho de análise por nós desenvolvido permite entendermos que a vivência da criança na linguagem marcada por narrativas de eventos reais e imaginários lhe possibilita a atualização de formas e sentidos que marcam enunciaçãoes anteriores no aqui-agora do seu dizer. Os deslocamentos enunciativos do geral da língua para a particularidade do discurso e da particularidade de um discurso para a particularidade de outro permitem à criança vivenciar as três operações enunciativas: operação de preenchimento de lugar enunciativo, operação de referência e operação de inscrição enunciativa na língua-discurso.

- b) Em relação ao papel desses deslocamentos na trajetória de aquisição da língua materna: os deslocamentos enunciativos vivenciados pela criança em suas narrativas lhe garantem a percepção da diversidade infinita dos conteúdos transmitidos em contraste com o pequeno número de elementos empregados (Cf. BENVENISTE, 2005). Essa é a experiência de significação na linguagem, a qual não cessa de acontecer na vida do falante, mas que encontra na trajetória de aquisição da criança um flagrante de constatação que permite ao analista descrevê-la como aquisição. A narrativa, portanto, como forma complexa do discurso, permite que as formas e sentidos da língua se atualizem no uso e possibilita à criança criar novos mundos na expressão da sua imaginação.

Por fim, afirmamos que, na experiência de aquisição da língua materna, a criança vivencia o fato de a língua ser formada por unidades significantes, as quais podem ser arranjadas de modo também significante. A narrativa, assim, revela, para a criança, um modo de combinar essas unidades segundo determinadas regras de consecução, as quais lhe garantem a ampliação das funções conceituais.

The role of narratives in language acquisition: enunciative displacement of the child who narrates

Abstract

This paper is about the narratives of real or imaginary events produced by a three-year-old child. The objective is to reflect on the child's enunciative displacements in the narratives produced and on the role of these displacements in the trajectory of language acquisition. The theme is approached in the light of the enunciative acquisitional perspective, focusing on three enunciative operations: operation of filling the enunciative place, operation of reference, operation of enunciative inscription of the child in the language-discourse. An illustrative data of the child's enunciative displacements is analyzed, which is part of a research project of an applied nature; descriptive in its objectives; qualitative in methodology and data analysis. In this article, the results point to enunciative displacements that give rise to constructions that allow creative imagination, which reveal a particular way in which the child is in the language-discourse via narratives that recreate worlds in the founding power of language.

Keywords/Palabras clave: Language acquisition; Enunciation; Narrative

Referências

BENVENISTE, Émile. (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. de Eduardo Guimarães *et al.* 1. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 1989.

BOLDORI, Ana Carolina. *A constituição do falante na e pela narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento*. 2023. 71 f. Dissertação de Mestrado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2023.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A criança e suas narrativas: a experiência constituída nos ruidozinhos vocais. In: OLIVEIRA, G. F.; ARESI, F. (org.). *O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 204-220.

DIEDRICH, Marlete Sandra. O ato enunciativo de narrar: o indivíduo na sociedade. In: Heloisa Monteiro Rosário, Sara Luiza Hoff, Valdir do Nascimento Flores (Orgs.). *Leituras de Émile Benveniste* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Zouk, 2022a. p.129-138.

DIEDRICH, Marlete Sandra. *Narrativas de crianças na pandemia: discursos que reinventam o mundo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo, Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades em Émile Benveniste. *ReVEL*, Porto Alegre, edição especial, n. 7, p. 1-14, 2013. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. *O problema da referência em Émile Benveniste*. 2022. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, 2.ed.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A relação entre o biológico e o cultural na aquisição da linguagem e a instauração da criança na interdependência entre forma-sentido na língua materna. In: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio (Org.). *O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes; DIEDRICH, Marlete Sandra. A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 56, p. 259-280, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/47445>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ⁱ Usamos o termo “língua” para referir a língua como sistema abstrato de signos, enquanto o termo “discurso” diz respeito ao uso particular da língua numa situação específica.

ⁱⁱ A expressão “língua-discurso” é usada por Benveniste em *A forma e o sentido na linguagem* (1989, p. 233) e diz respeito, segundo Flores (2013), à inter-relação de semiótico (Língua como sistema) e semântico (Língua como discurso).

ⁱⁱⁱ Para marcar essa nuance de sentido, grafamos o referido prefixo, neste capítulo, em itálico, nas palavras que denotam a ideia de renovação.

^{iv} Projeto com apoio financeiro da Fapergs e com aprovação do Comitê de Ética mediante parecer nº. 4.849.264.

^v Este dado encontra-se publicado em formato de texto narrativo, sem marcas de transcrição, em Diedrich (2022b), no caderno que acompanha a Exposição *Era uma vez...* narrativas de crianças na pandemia: discursos que *reinventam* o mundo, produto derivado do projeto de pesquisa em questão.